

**Joaquim Evônio**



**Feliteira**  
**Azenha de Sevelas**

**Diário de Campo**  
**28 de Janeiro de 2004**

LISBOA, 2 Mar 84 – Longe vai já o dia, aliás muito rendoso do ponto de vista de colheita de informação, em que o colega João Martins e eu próprio nos deslocámos à Azenha de Sevelas, na Feliteira, a 3 Kms de Sobral-de-Monte-Agraço.

Tudo começara no dia 7 Jan, quando a D. Claudina, com boa vontade ou como bom argumento para nos afastar da sua casa, nos dissera que poderíamos encontrar um carpinteiro de azenhas na Enxara do Bispo, que se chamava Chico da Abobreira e que, além disso, perto do Sobral ainda havia azenhas a funcionar.



Fig. 1 – O proprietário, Sr. António da Inácia, alimenta o teigão do moinho n.º 1 que está a trabalhar movido a electricidade.

Ambas as perspectivas eram extremamente interessantes e compensadoras para a nossa curiosidade, já que, até agora, só através da concepção mental é que podíamos visualizar os engenhos a funcionar. Exercício interessante, sem dúvida, designadamente para quem, como eu, aprendeu a jogar xadrez de cor, sem tabuleiro, mas carecendo duma indispensável confirmação prática e dinâmica.

Neste fim-de-semana de 28/29 JAN o João Martins e eu próprio trabalharemos no Sábado e a M.<sup>a</sup> Helena e o Boavida Pinheiro ao Domingo.

O projecto do nosso grupo seria portanto visitar o tal carpinteiro de azenhas e depois abordar a Quinta do Boição de Cima, a que pertenceu a Azenha do Sr. Augusto Machado, para determinar tanto quanto possível dos seus antecedentes históricos.

O João Martins veio ter a minha casa e, sem querermos correr o risco da semana anterior, lá fomos para Bucelas via auto-estrada, por Alverca. Chegámos à vila e

rumámos em direcção ao Sobral-de-Monte-Agraço, onde pedimos informações sobre Enxara do Bispo e sobre alguma azenha que por ali ainda trabalhasse. Dirigimo-nos então, estrada abaixo, até à Feliteira e, guiados por outro informador que subia empurrando um carrinho de mão, localizámos sem qualquer dificuldade a azenha do Sr. António da Inácia.

O facto de ainda trabalhar era um indício suficientemente encorajador para ajustar o nosso planeamento, desde o princípio considerado flexível e evolutivo.

A porta de entrada fica a cerca de 20m da estrada, logo a seguir ao restaurante típico “Labrego”. Está colocada sobre a margem direita do Sizandro. Na outra margem e a meia encosta passa uma linha de caminho de ferro, como que a dizer ao bucólico da paisagem que a sua tendência é para o desaparecimento.



Fig. 2 – Os nossos informadores Srs. Joaquim Duarte (à esq.<sup>a</sup>) e António Ribeiro dos Santos, este proprietário da Azenha de Sevelas.

Batemos, é o Sr. António que nos abre a porta e depois de dizermos ao que vínhamos imediatamente nos franqueia a entrada e se coloca inteiramente ao nosso dispor.

Ao contrário das que visitámos anteriormente, aqui há vida, cheira a farinha e a pão, uma poalha esbranquiçada estende-se sobre quase tudo, um sinal de funcionalidade e fertilidade que ainda se não nos deparara senão na padaria do Sr. Luís Fernandes (Farrapo) em Vila Nova.

Já o ano passado, diz o Sr. António, o Diário de Notícias publicou um artigo sobre a sua Azenha. Vai buscá-lo: vem no caderno Regiões, tem o título “Moinho de Água em Feliteira – uma relíquia com 300 anos”. Foi escrito por Roberto Cordeiro e Fernando Farinha tirou as fotografias. Publicado em 30 Abr 83.

As recentes cheias de 19 Nov 83 inundaram completamente a azenha a atolaram a roda e a entrosga que ainda têm quase um metro de altura de lama a impedir os seus movimentos. Como tinha um casais de mós, um delas movido a electricidade, só esta, que fica a montante, está em condições de funcionar, e funciona mesmo.



Fig. 3 – O Sr. António da Inácia, como também é conhecido, ostentando um “corredor”, a que atribui mais de 100 anos, e uma pá.

Com a noção clara e expectante de que hoje vai acontecer farinha, logo pergunto onde está a entrada para o inferno – esta propensão para estudar o mecanismo de transmissão – que é aberta com toda a facilidade. É ampla e bem colocada a meio do soalho. Deço apetrechado com uma gambiarra do Sr. António, viva o luxo, e com a lanterna de mão do João Martins. Comigo, os inevitáveis gravador e máquina fotográfica.

A altura é escassa devido ao atolamento do chão mas este está compacto e permite um conforto nada comparável à incomodidade e sujidade do Boiçã. É quase um céu aberto. Devido ao traquejo adquirido nas incursões anteriores, em menos dum instante começo a gravar medidas e formas e a tirar as fotografias que me parecem mais relevantes e que, significativamente, já são mais selectivas e em menor número do que no outro inferno.

Como o casal de mós movido a electricidade continuou a funcionar depois da paragem forçada do outro e só este é que possui naturalmente os mecanismos de transmissão, nada mais previsível do que estarem polvilhados de farinha, quase caiados com várias demãos que lhe conferem um aspecto de pintura a óleo.

Para poupar o diário ao relato das medidas, são estas remetidas para a ficha técnica. O método é o habitual: dito para o gravador ao mesmo tempo que, cá em cima, o João Martins também toma as suas notas e vai pedindo outras explicações. “Se não perceber não faz mal, estou a gravar” – é uma observação que vou repetindo com certa regularidade.

Torno a subir e junto-me ao grupo que já aumentou com a presença do Sr. Joaquim Duarte, de 74 anos, amigo da casa e antigo moleiro e ajudante de carpinteiro de azenhas. A mulher do Sr. António, a D. Emília, também está presente e começa a ser entrevistada pelo João Martins.

Quanto ao nome da Azenha, quase se enceta uma discussão de carácter epistemológico: é de Sebelas, ou Sevelas, não é de sovelas não senhor, e ali está uma sovela para mostrar que aquele não é o nome. Risos. Não sabem porque é que se chama assim e pergunta o Sr. Joaquim Duarte: e então o que é que quer dizer Cachoças que é o nome da outra que existe ali mais acima?

Estamos perante uma equipa de bons informadores, especialmente o Sr. Joaquim Duarte e a D. Emília, em campos distintos embora. O Sr. António pede com frequência ao Sr. Joaquim para confirmar as suas informações, reconhecendo assim a sua superior hierarquia de conhecimentos.

Esta azenha já pertencia ao bisavô da D. Emília, Joaquim da Silva Malveiro e depois ao seu avô Manuel da Silva Malveiro.

De nome completo Emília da Silva Carrasqueiro, vai contando, embora um pouco desordenadamente, a genealogia da sua família. Deixei o gravador a funcionar junto da senhora e do João Martins, registando a entrevista, enquanto me dirijo para a outra extremidade do compartimento, fazendo perguntas ao Sr. Joaquim sobre o instrumental em presença e tirando algumas fotografias, além de tomar apontamentos acerca de alguns factos relatados.

Curiosamente, a fita gravada contém em parte as duas conversas, uma em fundo da outra, dando prova do bom aproveitamento de tempo que conseguimos fazer.

“Quando ele casou com a minha avó tinha 61 anos.

A minha tia, deu-lhe um ar e ficou paralisada da cintura para baixo com 45 anos. A outra, com 40 anos ficou paralisada da cintura para baixo, ficaram as duas paralisadas. O meu avô tinha criadas, que eram mais para as minhas tias, e houve um

amigo que lhe disse que lhe arranjava uma criada muito boa, “ela é minha mas eu dispenso-a, é muito carinhosa com as pessoas...”.

Aconselharam-no depois a casar com ela mas ele disse que não, depois acha-se dona e senhora e é capaz de tratar-nos mal. Assim, não, nunca me trata mal. Quando as irmãs morreram (chamavam-se uma Luísa e a outra M.<sup>a</sup> Luísa) então ele casou, já com 61 anos. Teve quatro filhas, uma Luísa, outra M.<sup>a</sup> Luísa, outra M.<sup>a</sup> Luísa e outra Luísa. Só a última é que sobreviveu, foi a minha mãe, que veio a morrer em 3 Set 64, com 71 anos. O meu avô morreu com 70 anos e tal, tenho os papéis todos mas só vendo.”

O colega João Martins perguntou da existência de alguma certidão de óbito do seu pai ou avô e a D. Emília disse que pode ser que tivesse, mas “tenho tanta papelada”... E continua dizendo que já tem 57 anos e que a sua mãe, quando casou, tinha 32. Teve uma filha ao fim de dois anos, que morreu, e depois teve-a a ela, D. Emília.

Referindo-se ainda à papelada, diz “eu sou sincera, eu não percebo aquelas letras”.

Esclareceu que isto não pertencia a nenhum senhor, era do seu bisavô. Disse ainda que “aqui há um prédio que era dos mouros ou que é, que foi feito por aquelas pessoas muito importantes, antigamente, que é um prédio que lhe chamam o castelo, aqui em frente, não sei se o senhor, naquele fontanário, que é o prédio que há mais antigo aqui na Feliteira. É este e aquele e é o outro...”

Continuou o João Martins a tomar apontamentos da sua conversa com a D. Emília, este apontamento de gravação ser-lhe-á porventura interessante como complemento e verificação, e passei eu próprio a gravar a designação e o modo de usar o instrumental da azenha. Agora é a conversa da D. Emília com o colega que aparece como fundo.

O Sr. Joaquim Duarte está formado nesta matéria: “esta peça chama-se cavalo (está a apontar para o que do antecedente tenho chamado o Cepo) e esta parte de baixo, onde se põe o pé, é a travessa (esta parte não existia no cepo do Boiçã, na Az. Do Ferro Velho). Esta de ferro é o arriel, esta é a tranca de descer a mó. Temos aqui a cunha, o rolo, a espera (que conhecemos como rolete). Quando a mó desce, fica em cima do cavalo e da espera.”



Fig. 4 – O Sr. Joaquim Duarte com o instrumental de desmontar a mó, o cavalo, a espera, a cunha, a tranca, o arriel, o rolo e a espera.

Perguntando quantas pessoas são precisas para a operação de tirar a mó, diz que “uma só pessoa tira a mó. Quando está uma pessoa ao pé, ajuda”. Intervém o Sr. António: “a gente diz, ora toca p’ra cá a mó”.

A mó é desmontada com regularidade para ser submetida à operação de picar.

As duas pedras são da mesma qualidade. São ambas de mármore, iguais dentro de cada casal e a picadura também é igual, destinando-se ambos ao trigo. Um dos conjuntos é de Pinheiras (Pero Pinheiro) e o outro de Figueiredo.

Estou perante um informador muito experiente e pergunto-lhe por que é que se chama inferno a esta coisa que está cá por baixo. O Sr. Joaquim responde “Isso é uma coisa antiga. Nos moinhos de vento, no princípio, era um infernozinho baixinho, depois começamos a fazer moinhos novos, já mais modernos, com uma cave, já não de chama inferno”.

Ficava esclarecido que no moinho já se chamava inferno à cave baixa, o que vem contrariar a suposição, que eu acalentava, de que assim se chamasse nas azenhas devido a conter os mecanismos e engrenagens, decerto perigosos e considerados extremamente poderosos nas épocas mais remotas em que as máquinas ainda não existiam generalizadamente. De qualquer modo, a opinião do Sr. Joaquim carece de confirmação e este assunto da nomenclatura merecia ser mais aprofundado.

O Sr. António Ribeiro dos Santos (mais conhecido por António da Inácia, que era a sua mãe) tem vindo a corroborar e complementar as palavras do Sr. Joaquim. Conforme lhe peço para ver se se recorda de algumas histórias, ditados ou canções

relacionados com a arte de moleiro, o Sr. António diz “não sei se m’alembra”... Mas começa logo a cantar:

**Na minha aldeia  
Mas há lá um moinho  
Ao de cima do outeiro  
Caiado muito branquinho.  
Aos cuidados, aos cuidados do moleiro,  
Conforme ele vai girando,  
Ao sabor da ventania,  
O moleiro vai cantando  
Sua velha moleiria!  
Querido moinho,  
Enxada da vida minha,  
Apesar de tu seres velhinho  
Dás-me o pão pela farinha.  
Fiel amigo, alegre do meu viver,  
Trabalhas comigo até eu morrer!  
Nessas horas mais fagueiras  
Desço a serra e vou buscar  
O louro trigo das eiras  
Para o moinho trabalhar!  
Mas depois do seu regresso,  
Lentamente, caminhando,  
Canta a canção do regresso  
De quem vive trabalhando!**

Algumas desafinações mas uma linda canção que nos era desconhecida. Risos e aplausos. Não, a D. Emília não quer cantar nada, não sabe ou tem vergonha. O Sr. Joaquim Duarte não sabe nenhuma e também nunca tinha ouvido esta. Parece-me isto um pouco estranho, dados os seus 74 anos e tanta experiência da arte.

Vou entretanto registando outros pormenores de natureza técnica fotografando o ferramental destinado à picadura das mós, colocados sobre uma tábua assente na mó do moinho n.º 1 (o que ainda funciona). São identificados os “picadeiros”, os maiores, e os “picões”, mais pequenos. Uma tem um piquinho e a outra, “faz-se de conta”, tem

um corte. O picão é mais próprio para mó de milho. O picadeiro é para fazer “golpes de tumba e o picão para buraquinhos redondos.



**Fig. 5 – Ferramenta em uso na Azenha de Sevelas para picar as mós.  
Em exposição à frente da quelha, picadeiros (à esq.<sup>a</sup>) e picões.**

Junto às mós, no chão, está a roda metálica da aliviadoura, para temperar o afastamento entre as mós, mais rijo ou mais macio.

Na parte do teigão virada para a quelha existe uma portinhola de correr, arredondada por cima e direita por baixo, é a “corrediça”. Serve para regular a maior ou menor saída de cereal. Quando a mó está picada de novo, corre mais trigo, se está já mais safada, desce-se a cordiça para correr menos trigo.

Ao cadêlo também chamam chamadouro. O Sr. António pega em dois instrumentos um “corredor” com mais de cem anos e uma pá. Fotografo-o com ambos, um em cada mão.

O Sr. Joaquim toma entretanto a iniciativa de nos dizer uma quadra de que se recordou:

**Moinho é coisa volante,  
O autor que o fez tem arte.  
Moleiro dentro dele  
Dá fogo p’ra toda a parte.**

O Sr. António (até parece desgarrada) diz: “ora agora esta”:

**Não há quem queira dar  
Uma filha a um moleiro.  
É um ofício como qualquer outro,  
Trabalha, ganha dinheiro.**

O Sr. Joaquim retoma a sua história, é cioso da importância do que diz e certifica-se de que compreendemos “O vento está tão depressa daqui, como está dali, como está d’acólá e o moleiro dentro dele está a puxar o moinho, está a dar fogo p’ra toda a parte.

Tiro entretanto fotografias ao conjunto do teigão e das mós, tentando apanhar o rodo, e depois ao conjunto do aviador com os seus utensílios.

A D. Emília regressa: “Eu venho só aqui mostrar uma escritura que é tão velha!”. O João Martins recolhe pormenores sobre o documento.

Reparo nas caixas por baixo do aviador, que estão numeradas de 1 a 7 e pergunto porquê. Outros utensílios são reunidos para “fotografia de família”.

O Sr. António explica como funciona o aviador.

Mete-se o trigo no teigão, em cima, depois cai o trigo para o crivo ou joeira (não conhece o nome de ciranda) e cai para dentro do balão que vai girando, e vai caindo para as caixas conforme é mais grosso ou mais fino.

Aquela parte que está à entrada do aviador, o mecanismo de recepção e transmissão do movimento, também se chama carreto e entrosga, esta tem 17 dentes e aquele 14. A parte de cima, circundada pela correia, que recebe o movimento do veio da mó, chama-se tambor, como as outras destinadas a funções semelhantes. “O nome mais próprio, diz o Sr. António, é polie, mas a gente chama-lhe tambor”.

O Sr. Joaquim Duarte intervém para explicar a “ratio” (ele está inocente desta designação) das engrenagens. Se o carreto tiver seis fuséis e a entrosga 32 dentes, a mó dá quatro voltas e meia enquanto a roda lá fora dá uma. Se for 32 por 7, dá as mesmas voltas, porque adianta um fuselo.



Fig. 6 – O Sr. Joaquim, ao lado da esposa, ambos junto ao “panal”.

Interessei-me então pelo Peneiro, também movido pelo mesmo sistema de tambores. Tem um diferencial em ponto pequeno e dispõe de um dispositivo expedito para a correia não sair do tambor. A correia pequena faz girar o sem fim que provoca a entrada da farinha que cai do teigão para o interior do aparelho. O cano que vai por ali abaixo (semelhante ao que já vimos nos aviadores) é designado por “caída” e também é conhecido por funil.

Para desligar o peneiro basta tirar-lhe a correia.

O aviador é que está sempre engatado. Tirar a correia dá muito trabalho. Para puxar o aparelho um bocadinho para trás, para a engrenagem não apanhar o carroto, também dá muito trabalho. Quer dizer, anda sempre engatado. Tem sempre trigo e está sempre a trabalhar.

O Sr. Joaquim não concorda que quanto maior for a roda exterior menos água precisa para andar. Diz que o andamento é o mesmo...

Esta azenha não tem apajadouro (aqui chamam-lhe “apuxador”). Para a parar é preciso ir lá fora tirar-lhe a água com a comporta.

Peço ao Sr. Joaquim para enumerar a ferramenta usual dum carpinteiro: “Há os que têm mais e os que têm menos. Eu já estive a trabalhar com um carpinteiro, aqui há uns anos, e a ferramenta dele era: uma sarra, uma garlopa, uma enxó, um martelo. O ferro da polaina é que servia de formão e o homem fazia aquilo em

condições. Eu não sou carpinteiro, dou um jeito, mas ainda tenho uma ferramentazita: formões, sarra, enxó, martelo, prumo, nível, essas coisas todas que são precisas”.

Seguiu-se mais uma pequena discussão académica, em que intervieram todos, acerca da designação a dar ao carpinteiro profissional. Engenheiro das mós, não, esse é o canteiro, a gente chama engenheiro ao carpinteiro mas não está bem feito. A D. Emília acha que engenheiro é quem faz um engenho qualquer e que um engenheiro com estudos, isso é outra coisa. A conclusão é que uns chamam engenheiros e outros carpinteiros de azenha.

Sobre os vários tipos de azenha, diz o Sr. Joaquim: “Há umas de rodízio, outras de roda mas tocadas por baixo. Estas são tocadas por cima, chama-se de cubos (não conhece a designação de copos, ou copeira)”. Esclarece que, quando se faz uma roda nova, a última coisa a fazer é encubar a roda, pôr-lhe os cubos.

Como não tinha ainda elementos sobre a roda, pedi ao Sr. Joaquim que me acompanhasse lá fora, é mesmo ele que está a fazer as honras da casa, face às interrupções do Sr. António devido aos seus afazeres.

Passámos por um eixo que se encontra deitado no chão, no exterior, ao longo do topo montante da azenha. “É de pau arte (?), pau de fopa – diz o Sr. Joaquim – nem a navalha entra com isto, não se sabe de que árvore, veio de fora, um prego não entra aí, está rachado mas isto é eterno, mesmo que esteja aí à chuva nunca mais apodrece. A sarradura parecia enxofre. E a enxó fica de golpe voltado, o senhor não calcula o que isto é rijo”.

Apreciámos depois o sistema de comportas, a que tirei fotografias. O Sr. Joaquim chama-lhe quebrador ou comportas e foi ele próprio que fabricou todos estes quebradores.

Outra fotografia foi tirada do lado da caleira, a apanhar a entrada da bica, com um quebrador colocado no seu lugar e faltando o da direita. Normalmente, este quebrador que lá está nem era preciso porque a água que passava chegava para ir para a bica da roda e o resto ia fora, era a que se destinaria à roda que já não existe. Confirmou que não havia qualquer septo entre as duas comportas terminais.

Da roda para o açude, a primeira é a bica, depois a caleira, depois a presa, a levada e isso por aí acima.

Mostra entretanto que, quando esta azenha moía com os dois rodízios, havia ali uma zona que era toda “presa”, estava tudo cheio de água. Quando tiraram os rodízios

taparam isso tudo. Mostrou os locais onde ficavam as comportas das caleiras que alimentavam os rodízios. A presa era um açudezinho pequeno.

Era esta e a de Cachoças que tinham uma presa grande, o que não é muito habitual.

Com a prestimosa colaboração do Sr. Joaquim, que teve o trabalho de contar e extrapolar, devido ao facto de grande parte deles estarem enterrados, fico a saber que a roda tem mais ou menos 28 cubos, montados no abamento, que são as duas abas, onde estão os braços. Boneca chama-se a uma peça que se tira e põe.

Quanto à lubrificação, se a chumaceira fosse de bronze fazia-se com unto. Neste caso é de madeira e basta uma cana vieira encostada à bica de madeira que a água escorre sobre o aguilhão.

Conta que aquela bica e quebradores foram feitos por si próprio aí há uns anos e tal. Demorou nessa tarefa um dia ou pouco mais, a madeira já estava aparelhada.

Para ele, o eixo chama-se mastro, quer no moinho de vento quer na azenha.

Explica ainda que esta roda era a de trás e quando essa mó passou a ser movida a electricidade foi colocada à frente (no moinho n.º 2). Esta tem dez palmos de diâmetro e a outra tinha doze.



Fig. 7 – O Sr. Joaquim Duarte regula a inclinação da quelha, torcendo o cordel de suspensão.

Quanto à madeira da bica e quebradores, é de pinho bravo, em tábua de moldura. A de solho é mais delgada e mais estreita.

Regressámos ao interior da azenha, o Sr. Joaquim mostrou mais uma particularidade, como se faz subir ou descer a quelha fazendo variar o seu ângulo de

ataque sobre o olho da mó para assim cair mais ou menos quantidade de grão. Aquela pecinha do teigão onde se prende o cordel não tem nenhum nome especial. Fotografei o Sr. Joaquim a fazer essa operação.



Fig. 8 –Aviador com todos os seus acessórios.  
Em primeiro plano, um rodo e o enfarinhador.

Procurei saber qual era a área de influência da azenha em termos de clientes e respondeu “que ainda fazia uma distanciazeca longe, o Domingos, o tio da Maria Emília e ainda vinham cá diversos de longe, trocar aqui, moleiros que às vezes não tinham azenhas e que havia falta de vento no Inverno, como isto era uma azenha com quatro engenhos, fazia muita farinha, 2 rodízios e 2 rodas!”.

Referenciou então o local onde estiveram os rodízios, agora completamente imperceptíveis devido a alterações na construção, mas num alinhamento perpendicular ao dos dois actuais casais de mós.

“Ia até ao Corvelo, para lá da Merceana, vinha aqui o Fernando. Naquele tempo vinham, eram colegas, os moleiros eram sempre amigos, “não me trocas lá este moio de trigo?” Em lugar da maquia completa tirava-se metade. Às pessoas que não eram colegas tirava-se a maquia completa.

Para ilustrar melhor a resposta à minha pergunta, o Sr. António intervém para dizer que o freguês é assim como duma loja, mudavam duns para os outros. Às vezes tinha quatro fregueses num lado depois só tinha um... O Sr. Joaquim Duarte, que estivera pensativo um pouco, retoma a sua ideia: “Talvez aí uns 10 km longe daqui...”

O transporte era feito com gado de cargas, naquele tempo ninguém tinha carroças. “Talegos” às costas, ou sacos destes (e mostra-os), agora é raro um que tenha um animal, têm um tractorzito. Agora é compra, troca-se ainda mas é poucoquinho.

O Sr. António compra trigo e vende farinha ou coze pão.

“O que matou mais esta arte de “mulero” – e eu já tenho uns anecos, como já disse ao senhor – já conheço esta arte de mulero umas poucas vezes má e boa. Esta época isto está ruim que eu sei lá. Nos princípios da minha vida, que eu fui nascido nisto, nesta coisa de engenhos, depois já tinha uns dezassete anos ou coisa assim, esta arte esteve muito ruim. Se eu quis estrear um fato de fazenda e umas botas pretas tive que ir cavar para ganhar para o fato.”

O Sr. Joaquim, 74 anos bem conservados e risonhos, deixou de trabalhar na arte há cerca de seis anos, pois adoeceu e além disso a idade já era muito avançada, começando a Ter dificuldade em pegar num saco.

E continua: “Não fui à tropa (respondia a uma interrupção minha). O que matou isto agora tudo foi o Estado, pôs a venda livre na moagem na alta moagem, agora o freguês já não vem aqui. Isso foi agora há um ano para cá. As farinhas são melhores que as nossas, têm outra limpeza, não é mós, é feita de cilindros, é sempre melhor que a nossa e ainda torna-se mais barata!”

Estas últimas palavras são quase murmuradas à procura de cumplicidade e a sua entoação é bem reveladora duma tristeza profunda, duma falta de esperança no ressurgir da sua arte.

“Depois dessa altura dos 16, 17 anos, melhorou outra vez, depois piorou, é o destino. Tinha eu vinte quando fui às sortes, andava a dar serventia a pedreiros. Ainda hoje gosto muito disto, tenho uma televisãozita lá em casa, quando aparece lá um moinho para mim é uma alegria!”

Se o Sr. Joaquim usasse a nossa terminologia, teria decerto dito que é um verdadeiro apaixonado das azenhas, um artista preso de alma e coração ao objecto da sua arte.

Do ponto de vista linguístico, detectam-se particularmente comuns aos nossos informadores do Boiçã e da Feliteira, especialmente entre o Sr. Joaquim e a D. Maria da Purificação, já nossa conhecida. Trata-se de um assunto que não poderá ser abordado aqui mas que julgo merecer a atenção dos especialistas. Em alguns casos, só depois de muitas tentativas é que me foi possível descodificar as frases do Sr. Joaquim. A maior dificuldade que senti, a título de exemplo, foi traduzir “atemuero” para “artemulero” e finalmente para arte de moleiro. Palavras sincopadas,

apagamento de algumas sílabas, “que” também quer dizer “quando”, enfim, pelo menos uma pista para quem a possa seguir.

E continuava a longa divagação do Sr. Joaquim... “mas já eu tinha ido às sortes, andava eu a dar serventia a pedreiros, vieram-me falar para eu ir trabalhar para a “arte de moleiro” (foi aqui a dificuldade) – servir! Meu pai não queria e sabe porquê? Porque a jornazita, ganhava vinte mil reis naquela altura, parece-me, ou dezoito ou que em convinha-lhe aquela jornazita para ele, p’ra casa. E eu, se queria algum dinheiro às vezes, ao Domingo, p’ra acompanhar com este ou com aquele, coitadito, não tinha. Como já tinha 20 anos, ou 21, vou e vou mesmo. E fui servir, ganhar cinco escudos cada dia, 150 mil reis cada mês, trabalhar para a arte de moleiro, num sítio chamado Gaeiras...”

O João Martins interrompe para dizer que o seu primeiro salário também fora de 5 escudos por dia, para levar as ferramentas a afiar, dos pedreiros...

O Sr. Joaquim esclarece e continua: “5 escudos por dia... e de comer! Lá estive 5 anos, nesse patrão, tenho lá um irmão, nesse lugar, estive lá nessa casa quarenta anos! Depois saí, melhorou. Meu pai tinha um moinho que era dele mesmo e o moinho, coitadinho, estava pobre: nem tinha “roupa”, e eu já tinha uns tostõezitos, além de ganhar pouco mas eu sempre fui apoupado, não tenho nada mas estou a viver da reforma e de alguma coisita que arranjei. Não comprei nada mas estou a viver... fui sempre apoupado. E o moinho que eu tinha pena, que o moinho era nosso, tive pena do moinho estar assim desprezado! Combinei então com o meu pai e o meu irmão, (o moinho era aqui ao pé de Runa, num sítio chamado Loriceira), combinei então com o meu pai e com o meu irmão, o meu irmão foi p’ra lá fazer o meu lugar e eu vim para o moinho do meu pai, olhar pelos velhos. A minha mãe era viva ainda, o meu pai também. Ora, pus roupa nova, comprei um animal, p’ra levar farinha p’ra Torres Vedras, prós padeiros, prós armazéns... aquilo caminhou assim menos-mal.

Tinha lá um irmão ao pé, que era o mais velho, foi sempre um maroto, já morreu, e o moinho estava “apoticado”, naquele tempo, por três contos e quinhentos. Isto aí, eu tinha 25 ou 26 anos. Meu pai morreu no dia último de Fevereiro, faz agora anos, calhou ser um ano bissexto, dia 29. Eu tenho lá um sobrinho, meu pai morreu no dia 29 e o meu sobrinho nasceu no último dia de Março.

O moinho estava apoticado e o credor foi p’ra cima. Depois deram-me conselhos, para eu ficar com o moinho encarregue à vida. Digo assim: Nã quero! Nã quero que digam que isto pode “desmastirar”, o mê pai na s’aguentou, ê na m’aguantei também, entã nã quero. E nã quis.”

Como se verifica, nem sempre tenho transcrito a fonética aproximada dos nossos informadores. É um exercício muito demorado para o tempo disponível, pelo que, na generalidade, apenas tenho registado as elisões mais comuns.

O Sr. Joaquim Duarte está bem “entrosgado” no fio da sua meada (o neologismo é meu, que também tenho direito) e continua a história da sua vida, fácil de ouvir pelo seu entusiasmo, colorido e boa memória: ... “E meu irmão que tinha moinhos, são dois moinhos mesmo ao pé um do outro. Estava à rasquinha também, velas no moinho também não tinha, e digo-lhe eu, pá, assim p’ra ele: eu vou-me embora, vou servir outra vez! Tiro as velas ao moinho, roupa nova que era minha, e vou-me embora. – ‘Eh pá, deixa aí as velas, que isto e que aquilo, e aqueloutro. Que é p’ra fazer uma mão cheia de milho que tenho aí e eu depois quando arranjar as minhas, tiro as tuas’. E fui na conversa! De inverno, recebo uma carta dum cunhado meu, já morreu, também era moleiro. Dizia: Oh Joaquim, tu vens cá tirar as velas ao moinho, senão ficas sem velas! Aquilo é com tempos ruins e tudo!... A roupa não era dele... Um dia venho cá abaixo, que eu estava lá a trabalhar em cima, venho cá abaixo, a um Domingo, o que é que um homem novo faz, ahn? Eu podia morrer! Vou ao moinho, levei a chave, enfiei-lhe chama-lhe a gente o arriel da arrolada (?), larguei o moinho primeiro tirei o carroto fora, o moinho só com o mastro e com a entrosga, ahn? Com a roupa toda, o vento era pouco e vou alar o moinho só com o mastro e com a entrosga, ahn? Virei o moinho ao norte e deitei-me, adormeci. Meu irmão viu aquilo e chega lá ao pé de mim e pergunta o que era aquilo. Eu acordei e disse-lhe: - Ouve lá, isto é alguma coisa teu? Isto é meu. Então vai-te embora, se queres, que é p’ra não haver barulho. O gajo arrancou, tirei o moinho para o lado, lá está o moleiro dentro do moinho dá fogo p’ra toda a parte, amarrei o moinho, deitei-lhe o cabresto torno a meter o carroto p’ra dentro, emparafusei as bonecas, porcas, meto o arriel no carroto, que às vezes podia haver um falhanço no cabresto, e eu lá em cima.”

O Sr. Joaquim está mais corado, a sua adrenalina produz-se em maior quantidade, transforma-se num autêntico contador de memórias, encarna a sua própria personagem com orgulho e ostentação, sim, que esta aventura não estaria ao alcance de toda a gente.

“E vou lá acima ao mastro, meto-me em cima do mastro, desatei uma vela de cada vez, só deixei foi as espias, que é as cordas de armar o moinho em volta, e os travadores, as velas eram minhas, as escotas eram minhas, vá! Tudo às costas! Quatro velas – que aquilo é uma serra que é uma besta, um gajo quando é novo faz tudo! Quatro velas e quatro escotas às costas cá para baixo para o lugar. Deixei-as na casa dum cunhado meu e aí pouquinho tempo, uns oito ou quinze dias, recebo outra

vez uma carta do meu cunhado. – Eh pá, acautela-te que o calão quer-te prender! Que era adonde o moinho estava apoticado. – Quer-me prender porquê? Isso não disse ele. Então aí um dia ou dois depois venho cá abaixo falar com o meu cunhado: Eh pá, então escreveste – coitadinho, já morreu – aquele também era mais que meu irmão, era o meu cunhado mais novo. Então teu irmão foi dizer ao careca que as velas eram do moinho, eh malandro! Então aquele malandro é capaz de dizer que as velas eram do moinho? Então tu sabes e ele sabe que eu é que as comprei, que até comprei duas velas p’ra ele e duas p’ra ti, e no prazo de trinta dias é que ele me tivera de arranjar o dinheiro p’ra pagar o pano, e chegou-se ao prazo e ele não tinha dinheiro para pagar e eu é que entrei com o dinheiro e ele diz que as velas são do moinho? Fui Ter com ele, o gajo negou! Estive uma mão cheia de anos de mal com ele. Depois arrenquei e assim tenho andado. Arrendei então aqui um moinho no Milharado, já agora, já há pouco tempo, andei por aí a servir, depois casei-me estava eu naquela azenha das Cachoças (deve estar parada aí há mais de 15 anos, já estava parada quando foi da outra cheia em 67).”

E renova o seu entusiasmo: “Era uma rica azenha, melhor que isto, também tinha quatro engenhos tal e qual como esta, dois rodízios e duas rodas, já não se vê nada, só lá tem mós na rua. Já tem uma placa por cima, nem vale a pena lá ir ver. Só ver o sítio.”

Entretanto, para quebrar a monotonia se é que alguma decorre do relato do Sr. Joaquim, aqui ficam outros apontamentos: A cheia de 19 Nov chegou dentro da azenha de Sevelas até à altura da quelha, 97 cm de altura é a faixa ainda visível na parede interior da azenha a água entrou para dentro do peneiro, foi preciso pôr sedas novas que custaram quase dez contos, e o trabalhão que teve ali com aquilo, com o aviador, foi preciso desmontar aquilo, peça por peça, quer dizer, o balão ficou inteiro.”

Perguntando quanto terá custado e há quanto tempo está ali aquele aviador, o Sr. Joaquim diz que está ali a trabalhar aí há uns sete anos e naquele tempo custou parece que sete contos. Hoje, se fosse a comprar, nem talvez haja novo desta marca – Baillarinni – Prima Fábrica Italiana – Casa fundada em 1884 – Milano – P. Baillarini e Figlio – 52 1.ºs prémios de 19 grandes prémios.

A medida que se usava era o alqueire de 14 litros.

Interessava-me, desde o início desta pesquisa, conhecer os métodos menos lícitos de se enganarem uns aos outros.

O Sr. Joaquim explica “Como se recebia dantes o trigo à medida o que é que os fregueses faziam? Uma bilha nova, nova para usar ahn? Que ainda nunca fosse usada. Enchia-a de água e fazia um buraco no trigo dentro do caixão e enterrava ali a bilha e dali a um dia ou dois ia lá, estava lá a bilha e água não tinha lá nenhuma, ficava o trigo inchado, quando ia para o alqueire medir-se levava menos, pois se o trigo estava inchado onde havia de levar um bago levava aí 3 ou 4. Aí é que era a malandrice!”

Procurando esclarecer o exemplo semelhante tal como consta das “Ilhas de Zargo”, o Sr. Joaquim diz que não podia ser na farinha, senão ia molhada, tinha que ser no grão”.

Em resumo, era o freguês a enganar o moleiro, e como a ideia que tinha não era essa, insisti na procura da verdade. E como é que o moleiro enganava o freguês? Pelo menos por agora, a resposta continua a ser extremamente escassa. “O moleiro ficava mas era com o prejuízo. Agora a peso já não”.

E o Sr. Joaquim Duarte, moleiro de profissão por amor à arte, continua a discorrer: “Agora os trigos são moles, mas quando era aquele trigo rijo, a gente molhava, dava uma ‘alentedela’, mas o peso ficava quase o mesmo. É uso molhar o trigo, quando é rijo, para fazer um farelo mais descascado, para fazer a farinha asa de mosca, que é sempre melhor do que seja remoída, e esse trigo rijo tem que levar uma pinga d’água para ficar mais macio, para a mó poder descascá-lo.”

Além de prolixo, o Sr. Joaquim é muito agradável de ouvir, mas recordo-me da nossa pista inicial que conduzia ao Chico da Abobreira, carpinteiro de azenhas, e na sequência fico a saber que o carpinteiro que fez a actual roda ainda é vivo e está na Feliteira. Tem uma loja quando se vai p’ra baixo, é logo antes de ir p’ra cima, p’ro Sobral, é uma loja que fica ali ao topo. Esse, mais o pai, é que fez estas rodas, eram os carpinteiros aqui desta zona mas iam parar muito longe, iam passar Santana da Carlota (?), eram uns artistas bons para isto. Além das rodas faziam moinhos de vento, moinhos novos e também trabalhavam de obra branca (construção civil) mas o pai foi sempre mais para isto de engenhos. Charruas e arados já não era com estes, era com outros carpinteiros.

Como o Sr. Duarte diz que fez aquela bica que está ali fora num dia, quanto tempo poderiam levar a fazer uma roda? – “Sim, um dia, mas a madeira já estava aparelhada!”. “O pai deste que está ali na loja fez uma roda tocada por cima mas é diferente desta, só tem o abamento mas não tem cabeções, o braço era emparafusado na aba, em lugar de ter dois braços tinha quatro, dois por fora e dois por dentro e depois esses braços eram emparafusados um e o outro a apanhar a aba e apanhava

os dois braços. E depois por dentro era forrado com tábua de solho. Essa roda já leva muito menos tempo a fazer que qualquer destas.

“Esta – continua o Sr. Joaquim – tem os braços emalhetados no cabeção e estão emalhetados também dentro do mastro, onde tem uma caixa e está emalhetado. O furo do mastro é um mais comprido e outro mais curto.”

- Os moinhos eram uma coisa assim muito importante? Havia muita gente a ir lá?

A resposta do Sr. Joaquim é imediata:

-“Quando era a Semana dos Santos, ainda não havia motores nem nada, quem queria ver fregueses era nos moinhos. Amanheciam mesmo às vezes nos moinhos à espera da farinha para fazer as filozes e broas.

Recordou-se depois de que lhe havíamos perguntado antes para que servia o cadêlo e contou uma história relacionada com uma situação de pergunta semelhante.” O cadêlo? Então, se não tiver cadêlo não corre trigo – dizia o moleiro à laia de explicação. Ao homem a quem isso foi explicado meteu-se-lhe aquilo na cabeça. Matou um porco e quando tornou a ir ao moinho leva-lhe um presunto e diz que está aqui um cadêlo p’ra você pôr em cima da mó p’ra correr mais trigo quando estiver muito vento. E era o presunto que o gajo levou!”



Fig. 9 – O Aviador noutra perspectiva

A manhã vai longa, perde-se mesmo a noção do tempo quando nos interessamos pelo assunto e encontramos um entusiasta a servir-nos de guia. Mas há que vir ver o

açude, que já sabemos desfeito por esta última cheia. Passámos ao exterior, seguimos tanto quanto possível a levada até ao açude e aqui as condições do dia estão mesmo apropriadas para testar a boa qualidade da máquina fotográfica do colega Martins. É ele que tira as fotografias e regista as medidas, rigorosas ou aproximadas, da longa levada, em grande parte atolada, que já não tem açude donde receber a energia que movia o moinho n.º 2 da azenha de Sevelas.

Pelo caminho vamos conversando, o Sr. Joaquim está num “crescendo” de confidências, explica que a casa em cujo rés-do-chão vive era antigamente de três irmãos. Morreram os dois primeiros e ficou o mais novo, que era o menino Chico, que depois vendeu várias das propriedades que herdou, algumas confinantes com esta, e ficou “só com isto aqui e com aquela fazenda ali em cima, até àquele cume que vai ali por ali fora”.

“Mas nem filho nem filha. Nem o mais novo, nem o mais velho, nem o do meio. E esta que é agora a dona disto também não tem filhos nem filhas. Era afilhada da viúva que ficou, que era dona disto. Fez então isto à afilhada... E a minha mulher trabalhava já no tempo da outra dona, que era a outra viúva, está reformada da Caixa, que ela pôsea na Caixa. E depois quando estava quase a morrer, que ela sabia que ia morrer, e esta mulher tem prédios em Torres, Santa Cruz e Lisboa. E para isto não ficar aqui sozinho, como a minha mulher trabalhou aqui muito tempo, disse à afilhada para dar casa à gente até a gente viver. A gente vive então no rés-do-chão e estamos a olhar por isto. Julho, Agosto e Setembro está em Santa Cruz. E depois quando é no tempo da vindima, que ela tem ali outra Quinta, vem p’raqui.”

E eis como este casal tem direito vitalício a uma boa habitação.

O Sr. Joaquim tem só um filho e duas netas, uma com oito anos e outra, com quatro, a Patrícia, que estava presente e andava pelo quintal e jardim a brincar com flores, tipo silvestre, que ia apanhando.

O filho do Sr. Joaquim é serralheiro mecânico em Torres Vedras.

Já eram quase duas e meia quando fomos “almoçar” ao carro, estacionado junto ao fontanário, enquanto o Sr. Joaquim foi até casa fazer o mesmo. Estávamos quase a terminar quando ele voltou, dirigiu-se na nossa direcção mas afinal ia a uma casa senhorial um pouco mais acima, onde o tinham convidado a ir tomar um copo dum vinho que ele já sabia que era muito bom. Nunca abusa da bebida mas um copito sempre vai.

Quando regressou, momentos depois, convidei-o a tomar um copo no “Labrego”, aceitou apenas meio por moderação. Eu tomei um, o vinho é bom, dizem que vem de Aveiras. Um copo e meio, nove escudos.

Voltámos então ao trabalho, havíamos combinado ir ver o sítio da antiga azenha de Cachoças, cerca de 500 metros a montante. Também estava na margem direita do Sizandro, mas não há o mais pequeno vestígio da sua existência. Até o local onde estava a presa se encontra agora em forma de pátio cimentado. Uma casa, de construção recente, ocupa o território onde dantes tanta farinha passou pelas mós. Eis uma azenha que já não vai ser estudada por ninguém e viverá apenas na recordação de alguns, poucos, que a ela ficaram ligados por laços sentimentais.

Regressámos à azenha de Sevelas. O ruído é estridente, desconfortável para o ouvido, está a trabalhar com o motor eléctrico, única fonte de energia actualmente possível.



**Fig. 10 – Mecanismo de transmissão do Avoador, vendo-se em cima o tambor que recebe o movimento do veio da mó.**

Pela primeira vez depois de longos anos tenho oportunidade de ver um moinho a trabalhar. Pena é que não se ouça o marulhar da água e o gemer das madeiras fiéis ao seu destino de produzir farinha.

Aproveito para tirar mais algumas fotografias, agora com os artefactos em movimento. Uma boa parte estragou-se, a minha máquina não é a mais adequada para captar as partes móveis em movimento.

O Sr. António queixa-se de que já anda a ouvir mal dum lado e eu aconselho-o a adquirir uns auscultadores de protecção que é costume utilizar nas fábricas ruidosas. Encolhe os ombros e ri. Tem que ser, tem que se habituar.

O ambiente está agora enfarinhado, adquirimos farinha, o João Martins também comprou sêmea acabada de sair. Conseguimos pagar, o que não aconteceu com o pão que foi oferecido a cada um de nós e que cheira que é um regalo.

Com tudo isto em movimento a ideia sistémica sobrepõe-se a qualquer outra. A convergência de funções, a sua complementaridade, a inteligência que está por detrás desta concepção global são por demais evidentes. E não deixa de ser entusiasmante o modo como tudo bate certo neste microcosmos artesanal. A energia e o tempo estão perfeitamente geridos, equilibrada entre, e além disso ainda é possível intervir, aumentando ou diminuindo a velocidade da roda e das mós, controlando a quantidade de cereal que cai para o olho da mó, afinando aqui, retocando acolá, uma perfeita orquestra em funcionamento, regida por apenas um maestro.



**Fig. 11- Caleira com o “quebrador” semi-colocado na comporta que alimentava a roda do moinho n.º 1.**

Tirámos mais algumas fotografias, agora aos dois casais que nos têm proporcionado dia tão útil e agradável (O Sr. Joaquim foi chamar a mulher para posarem juntos). E cortei-lhes as cabeças, já foi pouca sorte, ao menos aproveitam-se as fotos do João Martins.

O período a seguir ao almoço é muito mais propício à troca de algumas graças, estamos todos bem dispostos e é como se nos conhecêssemos há muito mais tempo. O Sr. Joaquim continua entusiasmado com esta oportunidade de dar à língua sobre o

tema que mais lhe agrada. E não é preciso insistir muito para que conte uma história, está interessado em que seja gravada e por isso ainda a conta com mais vontade:

“Havia um moleiro que trabalhava num moinho de vento, numa serra.

E o gajo andava a ‘dormir com’ uma freguesa. Mas o marido dela já andava desconfiado que a gaja andava a cachimbar com o moleiro e o que é que o marido pensou? Hei-de experimentar” A gaja vai ao moinho buscar farinha e o gajo disse que ia para um lugar qualquer mas, quando pensou que ela já estava no moinho, o gajo foi por aí acima!

Quando o gajo se alevantou de cima dela, veio à janela, eh! Rapariga! Vem ali o teu marido!

Ele sacudiu-a toda bem sacudidinha, toda bem sacudidinha, já tinha metido o pincel, chegou ele à porta do moinho:

-Pois é, seu maroto! Você tem estado a “dormir com” a minha mulher!

-Eh! Seu homem do diabo! Você é maluco, ou sou eu? Então você não vê que a sua mulher está toda limpinha e nem suja de farinha está? Você é parvo ó quê? E você quer ver? Espere aí?

O gajo assubiu assim pela escada acima, tinha lá uma saca com farelos e vai lá untou “o sexo” com uma mão cheia de farelos.

- Você quer ver, seu parvo?

Já a mulher tinha abalado.

- Você é um parvo. Você quer ver? Você não vê que isto não faz serviço ao tempo, que está cheio de farelos?”

Este tema do marialvismo do moleiro parece extremamente caro ao Sr. Joaquim Duarte. Acerca da fama dos moleiros e das facilidades que a arte e o isolamento lhes proporcionavam, conta que nos tempos da guerra, então, não havia dificuldade nenhuma. Para muitas delas bastavam dois ou três quilos de farinha.

Aqui era a miséria. Vou deixar sem grandes comentários este tipo de prostituição, que muito pouco terá a ver com o marialvismo.

E eis que o Sr. Joaquim já está pronto para continuar:

“Ainda agora era um moinho de vento, agora é uma azenha.

Era um gajo que trabalhava numa azenha e nessa azenha era uma Quinta, faz-se de conta como aqui dentro. E essa Quinta, a azenha pertencia ao dono da Quinta. E essa Quinta tinha um guarda, que era o alentejano. E depois o moleiro começou a ganhar convivência com a caseira, com a guarda, que era a mulher do guarda, e pensou assim: - Sacana! Hei-de “dormir com” a alentejana!

E andou, andou a pôs-se a cavalo da alentejana.

Pôs-se a cavalo da alentejana, o alentejão percebeu e vem direito à azenha com uma grande espingarda às costas e com uma grande cartucheira à cintura.

Ele estava dentro da azenha e viu o alentejão vir direito à azenha, à porta da azenha, e diz ele assim: Ah, ladrão, que já sabes! – diz o moleiro. E o alentejão chegou ao pé do moleiro e diz:

-Oh mestre! Então desde que você anda aqui a trabalhar, a gente sempre amigos e você anda de mau modo com a minha mulher? Que os alentejanos dizem que “dormir com” a mulher doutro é andar de mau modo.

E diz o moleiro assim p’ra ele: Eh, seu home! Você não me diga semelhante coisa! Quem lhe disse isso a você quer o seu mal e quer o meu! Então a gente temos sido sempre amigos e eu ia fazer uma coisa à sua mulher?

E nisto, vou d’aqui e faço assim: olhe, você quer ver? E desatou o cinto e disse assim: - Como é que eu ando de mau modo com a sua mulher que eu ando com um “mal ruim” há seis meses?

E o Sr. Joaquim afirma que esta é que foi mesmo verdade, que foi o próprio que lhe contou. E explica: “Ele disse aquilo por dizer, para se defender do outro! E o outro ficou todo convencido que era verdade!”

O Sr. Joaquim é impagável pelo ‘libreto’ que nos proporciona para a compreensão das suas histórias.

E ali teríamos continuado, se não houvesse ainda que cumprir o resto do planeamento, com a ida à Quinta do Boiçã de Cima.

Mas desde já gostaria de deixar uma palavra acerca destas histórias. A sua interpretação poderá ser bem reveladora. Ainda estão gravadas, como aliás os restantes depoimentos, aguardando uma outra oportunidade de aprofundar o assunto.

E se as interpretássemos através duma técnica estruturalista, se partíssemos do princípio de que estamos perante uma espécie de “mito de Asdiwal”? Que nos contarão as estrelinhas, qual a estrutura simples a que ambas parecem poder reduzir-se? Mais uma boa pista que fica em aberto. E vale a pena sublinhar que as expressões referenciadas nestas duas histórias entre aspas em nada correspondem ao que o Sr. Joaquim disse senão na semelhança do sentido. Não pareceu no entanto indispensável colocá-las aqui em toda a sua crueza vernácula. As expressões verdadeiras ficam de reserva para um estudo posterior.

Despedimo-nos, até breve, e lá vamos de novo a caminho de Bucelas pelo mesmo itinerário da ida, já conhecido, para evitar atrasos.



**Fig. 12\_ Mecanismo de transmissão do Peneiro, sendo visíveis todos os tambores, designadamente o superior direito que recebe o movimento originário do veio da mó.**

Já perto da zona do Boiçã, cometi um providencial erro de orientação. Em vez de ir ter ao nosso objectivo, constatámos que ainda estaríamos muito longe dele, mas ali estavam dois homens a conversar, à saída duma propriedade. Um deles reconheceu-me e saiu do carro em que se encontrava, já nos tínhamos visto semanas antes na padaria do Sr. Luís Fernandes (Farrapo) e foi ele mesmo que nessa altura nos disse que o Sr. Pedro tinha por alcunha “o comboio”. Trata-se do Sr. Júlio dos Santos, ainda parente dos donos da Quinta que procurávamos, e do Sr. João Martins, que na mesma Quinta trabalhou durante cerca de vinte anos e lhe conhece a história toda, mesmo ali na ponta da língua.

E logo nos contam uma história cheia de peripécias e mistérios, falcatruas familiares e suicídios, dando a impressão que uma certa “sombra” paira sobre a Quinta em questão.

No momento em que esta conversa tem lugar não estou apetrechado com o gravador e não parece ainda o momento asado para começar a gravar. Considero que estamos perante preliminares extremamente promissores, designadamente do ponto de vista histórico, ficamos com a ideia de que um dos últimos proprietários da Quinta teria sido um Conde que vivia no Lumiar.

O João Vicente continua a tomar as suas notas neste ponto dominante do lugar da Bemposta onde viemos parar por sorte.

O Sr. João Martins (o mesmo nome do colega) indicia-me outra azenha a funcionar. Diz que está perto do lugar donde viemos, perto da ponte do Panasco, quem vai de Malgas para a Feliteira e que pertence ao Sr. Luís Veríssimo.

Diz ainda que está à nossa disposição para quando quisermos voltar mas que só ao Domingo é que está em casa normalmente. Fiquei com a ideia de estar perante um excelente informador.

Mas começa a fazer-se tarde. Teremos de regressar. A sorte está connosco porque o Sr. Júlio dos Santos diz que já hoje passou na estrada Loures-Bucelas sem qualquer espécie de problema, apesar de haver sinais a indicar que não está em condições. Mas passa-se perfeitamente, só ali a 3 ou 4 Kms de Bucelas é que é preciso andar com mais cuidado por causa das obras.

E assim fizemos. Sem qualquer incidente chegámos a Lisboa e o colega João Martins apanhou um autocarro, na Av. da República, onde o deixei pouco depois das seis da tarde, enquanto me dirigia para casa a preparar-me para sair, já um pouco sob a pressão do tempo, pois tenho de estar em Pedrouços às sete horas para o jantar.

Foi um dia pleno e feliz, talvez mais do que estas páginas são capazes de retratar. Muito de quanto aqui fica nada ou pouco terá a ver com as "tecnologias" mas acho fundamental reconstituir o ambiente em que estes engenhos trabalhavam quando constituíam a fonte principal da alimentação das cercanias. E ainda mais do que os artefactos, os moleiros vivos são um manancial quase inesgotável que não se deveria perder.

Mas por agora temos de terminar. Combinámos, no grupo de trabalho que este seria o último fim-de-semana de pesquisa para este assunto. De facto, o tempo urge, o semestre está no fim e se não começarmos a dar forma a todos os elementos recolhidos, ter-nos-emos limitado a coleccionar desordenadamente. O que seria uma

pena, exactamente porque começamos a ter opiniões sobre esta matéria, em que há tão pouco tempo não suspeitaríamos existir tanta informação disponível e uma tão profunda saudade, ansiedade mesmo, por parte daqueles que intensamente viveram sua vida na arte de moleiro.

E quedar-nos-emos pelo Relatório de Progresso. Diversificado por capítulos, numa perspectiva globalizante, mas não pode ser mais do que isso. Diria até que agora, já embrenhados e familiarizados com a arte como estamos, é que o trabalho de pesquisa começaria a ser verdadeiramente produtivo no sentido da sistematização conducente a um maior rigor.

Mas há que interromper.

Pode ser que um dia volte.



Fig. – 13 – Vista parcial do Peneiro

## **Reflexões finais**

Parece óbvio que um Relatório de Progresso não tem conclusões.

Mas isso não impede de aqui exarar alguns comentários à laia de reflexão no contexto tecnológico e energético, de esboçar ideias a retomar para repensar ou desenvolver.

Será que os moinhos de rio têm algum futuro como sistemas de moagem ou, alternativamente, como sistemas produtores de energia eléctrica?

Será que a terceira vaga reserva algum lugar para estas abencerragens do passado?

Tudo leva a crer que a pesquisa que encetámos não poderá ser repetida durante muitos anos, basta ter em linha de conta que já não nos foi possível, nesta primeira ronda, encontrar uma azenha em funcionamento integral.

Parece que só em caso de famílias que já possuem azenhas é que se poderá pôr a questão duma reconversão, talvez em três fases:

1. Apetrechar uma das moendas com motor eléctrico, mantendo a restante tecnologia.

2. Apetrechar a segunda moenda do mesmo modo.

3. Desistir do sistema de moagem, procurando outro modo de vida ou modernizá-lo, já sem recurso à tecnologia tradicional.

Como alternativa a esta terceira fase, ou hipótese, será admissível que o sistema, de consumidor, passe a produtor de energia?

Mesmo esta hipótese, muito remota, só seria admissível em famílias ou pequenas comunidades isoladas, em locais onde ainda não exista electrificação e a sua generalização decerto que teria a temer a mesma concorrência do passado, a dos moinhos de vento.

Energia eólica versus hidráulica.

E esta só em barragens devidamente dimensionadas.

E numa outra abordagem, será de pensar em preservar o que já deixou de ter utilidade em termos de custo-benefício, apenas porque é "bucólico" e tem as raízes profundamente mergulhadas na história e na tradição?

O tempo se encarregará de dar todas estas respostas.

Lisboa, Março de 1984